

# RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 5 – Número 9 – Julho a Dezembro de 2008

[início](#)

## A MASSA FAZ 100 ANOS: FUTEBOL E SOCIEDADE EM BH HOJE

**Marcelino Rodrigues da Silva**  
**UNINCOR**

**ABSTRACT** – On March 25th 2008, Clube Atlético Mineiro turned 100 years of existence. This date was celebrated with enthusiasm by the press and the club's fans, showing the importance of soccer as a cultural phenomenon, able to foment feelings of identification and community. This work aims to discuss the relationship between sports and the Brazilian society modernization process, in the specific context of Belo Horizonte.

Era terça-feira, dia 25 de março de 2008, aniversário de 100 anos do meu time do coração, o Clube Atlético Mineiro, que é sem dúvida uma das instituições culturais mais importantes da cidade de Belo Horizonte. Embora eu estivesse bastante atarefado, resolvi achar um tempo para descer até o centro e participar da festa que havia sido programada pelo clube para a comemoração da data. Depois de uma missa na tradicional Igreja de Lourdes, a torcida atleticana descia em cortejo até o coreto do Parque Municipal para participar de uma homenagem aos garotos que fundaram o clube em 1908, naquele mesmo lugar mitológico.

Parei o carro alguns quarteirões antes do parque, imaginando que a movimentação pudesse envolver algum tipo de turbulência, mas o centro estava calmo. Muita gente vestindo a camisa do clube e confraternizando, mas nenhuma grande aglomeração de pessoas ou carros. Caminhei até o parque, onde a concentração para o evento estava começando. Havia bastante gente, mas não uma enorme multidão, e após alguns minutos começou a cerimônia. Uma oradora animava a festa e anunciava a presença de diretores e jogadores do clube, políticos etc. O auge foi a leitura de um texto sobre a fundação e a história do Atlético, recheado de apelos, alguns improvisados, de exortação à torcida, que respondia vibrando, cantando o hino do clube e exaltando os nomes dos craques.

Mas havia um clima de desconforto no ar, uma sensação de que algo estava fora do lugar. Afinal, a torcida não está acostumada com aquele ambiente de comício e certamente não se sente muito atraída por ele. Ela agrada mais os combates aguerridos dentro das quatro linhas, quando não as batalhas ainda mais violentas nas arquibancadas, nas ruas e nos bares da cidade. Ela quer vibrar com um gol de verdade, quer insultar a torcida rival, quer cantar de emoção no auge da luta.

Assim, o lance mais emocionante do evento foi um pequeno episódio, que aconteceu às margens da quase multidão que se aglomerava em torno do coreto, no Parque Municipal, e que passou quase despercebido nos jornais da cidade (apenas o *Hoje em Dia* registrou rapidamente o acontecimento). Num certo momento da cerimônia, enquanto a oradora lia seu texto, apareceu um gaiato vestindo a camisa do Cruzeiro. O zunzunzum correu como um rastilho de pólvora e logo se tornou um início de tumulto. Como trilha sonora, os cantos de guerra da Galoucura (“Vô dá porrada aê!”), embalando a dança tribal dos torcedores. Formou-se um pequeno sururu em torno do cruzeirense provocador, logo dissipado pela presença da polícia. Mas sua camisa ficou com aqueles vinte ou trinta torcedores que o cercaram, que a queimaram e continuam com seus cantos e danças. Aos poucos o sururu se dispersou e se diluiu na animação mais bem comportada da festa.

No auge da tensão, enquanto os torcedores se mobilizavam para a captura do cruzeirense, sentiu-se que o acontecimento ameaçava desandar em uma grande cena de violência. Uma espécie de galoucura estava no ar, como se a multidão (mesmo aquela pequena multidão) fosse capaz de fazer qualquer coisa. Naquele momento, para competir com a cena da captura ao cruzeirense pela atenção do público, a oradora se superou em exaltação, evocando “aqueles garotos que estavam ali, matando aula, naquela tarde há cem anos atrás”. O “matando aula” foi dito com ênfase, como se a oradora quisesse apelar àqueles mesmos impulsos de rebelião que atraíam o público para o “lado b” do espetáculo. Com a ajuda da polícia, que agiu rapidamente, a estratégia foi bem sucedida e os torcedores vibraram com suas palavras, evitando uma grande adesão à perseguição ou uma onda de pânico coletivo.

Feitas as homenagens, desfraldada a placa comemorativa e encerrados os discursos, a charanga começou a tocar e a torcida a acompanhou até outro recanto do parque, onde um grande balão preto e branco seria içado. Enquanto o balão subia, houve ainda um pequeno epílogo, com um grupo de torcedores da Galoucura exibindo cantos e movimentos militares nos gramados do parque, sob o comando rigoroso de um deles. No fim das contas, a festa foi morna e sua maior emoção foi o episódio da captura. A torcida se dispersou e eu fui pra casa, preocupado com o trabalho, razoavelmente satisfeito por não ter deixado o aniversário do Galo passar em branco e intrigado com aquela cena.

Minha ida ao Parque Municipal e os acontecimentos daquele dia me parecem dignos de ocupar boa parte deste artigo porque, de alguma forma, eles reúnem as principais tensões e significações que fazem do futebol e de sua história em Belo Horizonte um assunto merecedor da atenção acadêmica.

Embora a história dos esportes seja muito longa, remontando a inúmeros registros arqueológicos de civilizações antigas, suas formas atuais possuem estreitas ligações com a história da modernidade ocidental. Muitas das modalidades esportivas que hoje são as mais importantes, entre elas o futebol, surgiram na Europa ao longo do século XIX, no contexto do desenvolvimento do capitalismo, do Estado Nacional e de uma organização social predominantemente urbana e industrial. Nesse ambiente, os *sports* desempenharam uma função eminentemente disciplinar, semelhante àquela que Foucault identificou em instituições como a fábrica, a escola e o hospital.

Com suas regras bem definidas e sua organização arborescente (articulando pessoas e grupos em clubes, ligas e competições que assinalam ao mesmo tempo o conflito e a solidariedade, a semelhança e a diferença), os esportes modernos reproduziam a organização das relações na nova sociedade (a divisão do trabalho, a mediação institucional dos conflitos, os estados nacionais e suas divisões internas etc), contribuindo para a sua assimilação

pelas multidões. Uma necessidade que surgiu do declínio das formas tradicionais de pertencimento social, como a centralidade da Igreja, a autoridade divina do monarca, a distribuição feudal das riquezas e do poder etc. No vácuo dessas ideologias, a mentalidade moderna teve no esporte um aliado para superar o desenraizamento provocado por esse declínio e estabelecer formas de comunicação e sociabilidade que dessem sustentação às novas estruturas políticas, econômicas e sociais.

No Brasil, o esporte cumpriu função semelhante, mas com especificidades importantes em relação ao modelo europeu. O esforço de reconstruir os laços sociais esgarçados pelo desenraizamento moderno (aqui intensificado pela brutal urbanização das primeiras décadas do século XX e pela abolição da escravatura) demandava uma operação de mediação, que ligasse a mentalidade esportiva à memória e às tradições dos grupos que se amontoavam nas ruas das cidades. Por isso a história e o imaginário do futebol no Brasil estão repletos de conexões com a experiência histórica desses grupos.

Nos primeiros anos do século XX, o esporte era tão elitista quanto a vida política do país, e havia todo um esforço para manter à margem dele as classes menos favorecidas social e economicamente. A história de sua popularização se tornou uma narrativa mítica de como negros e pobres passaram a ser aceitos na vida esportiva, sofrendo e superando obstáculos para alcançar o reconhecimento. A excelência e a singularidade de nosso estilo futebolístico seriam tributários dessas lutas, guardando a herança do samba e da capoeira, redutos em que a memória daqueles grupos antes excluídos e agora incorporados à nação preservariam sua autenticidade e sua força telúrica.

Esse movimento se realizou sobretudo no Rio de Janeiro, uma cidade que tinha profundas ligações com as formas tradicionais da sociedade brasileira, que viveu intensamente a chegada da modernidade, na chamada *belle époque* carioca, e onde foram cunhados diversos outros mitos da modernização brasileira, como o próprio samba, o carnaval, a era do rádio etc. Para lá convergia toda a diversidade social do país, desde a alta elite política e administrativa até as hordas de capoeiras que se envolveram na Revolta da Vacina, em 1904. Naquele contexto de exacerbação das tensões sociais, a articulação dos mitos do futebol a partir de dicotomias como negro x branco, povo x elite e centro x periferia respondia a necessidades urgentes de comunicação e sociabilidade, que permitissem a mediação e o convívio entre diferentes os grupos sociais.

O caso do futebol em Belo Horizonte guarda semelhanças e diferenças em relação ao Rio de Janeiro, que tem sido a matriz da historiografia do futebol brasileiro. A moda dos *sports* chegou à cidade praticamente junto com sua fundação, em 1897, e o Atlético surgiu apenas onze anos depois. Erguida em poucos anos a partir de um pequeno arraial, Belo Horizonte foi rigorosamente planejada segundo parâmetros urbanísticos modernos, incorporando uma vocação e um simbolismo de prosperidade, progresso e espírito republicano. Embora estivesse no centro das Minas Gerais, com suas montanhas e tradições, a cidade asséptica não guardava uma memória tão viva e conflituosa das profundas desigualdades sociais da sociedade brasileira e das revoltas e turbulências que marcaram a história de outros centros urbanos. O primeiro clube de futebol foi o Sport Club, fundado em 1904. Como no Rio de Janeiro, a introdução dos *sports* era um sinal de modernização, concomitante à vinda de bondes, cinematógrafos, jornais etc. Seus praticantes queriam ser *gentlemen*, sintonizados com tudo o que vinha da Europa e cheirava a civilização.

O gesto daqueles garotos que “matavam aula” naquela tarde de 1908,

portanto, deve ser visto, sobretudo, como um gesto modernizante e disciplinador. Tratava-se de implantar na cidade o espírito urbano e cosmopolita que chegava da Europa, fazendo escala no Rio de Janeiro. A primeira grande rivalidade do estado, entre Atlético e América, foi uma rivalidade elitista. Pode até ser que aqueles garotos estivessem mesmo gazeteando, mas com certeza o faziam para imitar os jovens elegantes que haviam criado os primeiros times da cidade. Portanto, evocar aquele momento como um antecedente da energia incontrollável da massa atleticana é, evidentemente, um artifício retórico, uma invenção de tradição, uma re-significação do passado a partir do presente, com finalidades políticas bem precisas.

Com a progressiva popularização do esporte, porém, o Atlético foi aos poucos adquirindo uma identidade popular. E o Cruzeiro, que foi fundado por imigrantes italianos em 1921 e se chamou Palestra Itália até 1942, cresceu e acabou tomando o lugar do América como o grande rival do Atlético. Mas o Cruzeiro não era um clube de elite; era o clube da sofrida colônia italiana, que havia se incorporado à vida da cidade ocupando geralmente posições medianas ou subalternas de operários, artesãos e comerciantes. Assim, a grande rivalidade ritual do futebol mineiro não foi construída com base naquelas polaridades que organizaram a mitologia esportiva carioca e deram forma à historiografia oficial do futebol brasileiro. Em outro artigo (SILVA, 2007), explorei brevemente a hipótese de que se tratava, então, de uma rivalidade construída em torno de duas atualizações diferentes da idéia do “popular”. Uma baseada no imaginário do trabalho e da perseverança (caso do Cruzeiro, com sua história ligada à trajetória dos imigrantes italianos no Brasil) e outra baseada no imaginário da miscigenação e da mediação entre grupos e classes sociais (caso do Atlético, clube que nasceu nas elites e se tornou popular ao admitir jogadores negros e pobres).

Considerando essa configuração, ainda podemos ver na rivalidade esportiva uma economia simbólica de alguma forma ligada à história dos clubes e das relações entre os diferentes grupos sociais. No jogo esportivo e político, não se jogava apenas o conflito entre as elites e o povo, de certa forma apaziguado pela ideologia populista, mas também a contradição, constitutiva de nossa identidade, entre duas formas de ser popular. Essa contradição se reproduzia, por exemplo, nas recorrentes comparações entre Leônidas da Silva e Domingos da Guia, ou entre Garrincha e Pelé, que simbolizavam o conflito entre o lúdico e a disciplina, entre o dionisíaco e o apolíneo, entre a arte e o trabalho etc. Equilibrando-se nesses dois pilares, o Brasil seria capaz de se impor às outras nações e revelar ao mundo o valor de suas singularidades.

Mas a bola não parou de girar e os sentidos dos signos esportivos continuaram se deslocando. A colônia italiana se misturou à comunidade brasileira e o Cruzeiro abriu suas portas aos que não pertenciam a ela, aumentando sua torcida no embalo das conquistas dos anos 1960. O Atlético consolidou sua imagem de time de massa, reunindo em suas hostes desde a “cachorrada” que ocupava as antigas gerais do Mineirão até a torcida elitizada dos bairros nobres da zona sul. Com exceção de momentos especiais como os 100 anos do Atlético, pouco nos lembramos das histórias mais antigas, dos mitos fundadores da nação atleticana. De tal modo que, numa comemoração como a que aconteceu no Parque Municipal, a chama da emoção passa mais pela perseguição ao cruzeirense desafiador do que pelas homenagens aos fundadores ou pela presença viva de Ubaldo, grande ídolo negro que enlouquecia a torcida nos anos 1950.

Contudo, o esporte como disciplina continua presente: a mídia repete os

mitos atleticanos como um mantra; as mesmas histórias e os mesmos personagens são evocados para sustentar a tradição inventada que organiza fragilmente a massa. A oradora da cerimônia no coreto evoca a rebeldia dos garotos que “matavam aula” e interpela a torcida, para que ela se reconheça em outro lugar que não o conflito aberto. Mas os limites desse esforço são evidentes: a tensão acumulada na multidão e investida na rivalidade com o Cruzeiro eventualmente explode: a Galoucura se espalha como uma febre, a Máfia Azul desafia os poderes constituídos e os conflitos abandonam o terreno simbólico para invadir as ruas e os bares da cidade.

Diante desse cenário, é necessário perguntar se, de alguma forma, continuamos ligados aos mitos fundadores do Atlético e da atleticanidade. Guardará a “massa” alguma conexão com a memória e a experiência dos torcedores mais antigos como o meu pai, que projetaram no futebol as aspirações e os sofrimentos de sua vida, de sua nação e de sua condição social? Continua a haver, no imaginário esportivo mineiro, alguma forma de busca por subjetividade e enraizamento social? Ou trata-se apenas da economia simbólica de uma multidão turbulenta mas incapaz de se organizar, tendendo portanto a se comportar ora como turba ignara, ora como um dócil rebanho? O que pode representar a rivalidade entre Atlético e Cruzeiro hoje? As perguntas são importantes porque colocam em questão a própria condição de sujeito político das massas, diante da falência do pacto social populista no Brasil e da dinâmica cultural do mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALUPPO, Ricardo. *Raça e amor: A saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTANA, Jorge. *Páginas heróicas; onde a imagem do Cruzeiro resplandece*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol; o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. Quando é dia de clássico: das massas aos mitos. In: FREIRE, Alexandre (org.). *Preto no branco: ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro*. Belo Horizonte: 2007, p.55-67.